Boletim Operário 146

Caxias do Sul, 02 de dezembro de 2011.

International Worker's Association

www.iwa-ait.org

secretariado@iwa-ait.org

Brazilian Worker's Confederation

cobforgs@yahoo.com.br

Rio Grande do Sul's Worker's Federation

http://osyndicalista.blogspot.com

forgscob@yahoo.com.br

Center of Studies and Social Research

http://boletimoperario.yolasite.com

http://cepsait.webnode.com

http://cepsait.blogspot.com

ceps_ait@hotmail.com

Our purpose is to motivate the social research and stimulate the change relations which are related to the collection and production of information's about the history of the Brazilian Worker Movement.

Worker Bulletin
Year III Nº 146
Friday 12/02/2011.

Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brazil

Greves

As da Tipografia Adolpho

Justamente no dia em que era publicado o nosso último jornalzinho - 16 de fevereiro – o pessoal da "Tipografia Adolpho" abandonou o trabalho pela irregularidade do pagamento.
Os operários, desde certo tempo, viam-se na necessidade de fazer constantes pedidos de dinheiro, porque além de não haver um dia determinado para o pagamento, rara eram as vezes que obtinham as quantias pedidas.
Nesta ocasião o trabalho só foi suspenso por um dia, pois que o Sr. Uhle, reconhecendo o direito dos seus operários entrou em acordo estipulado pela seguinte carta:

"São Paulo, 16 de fevereiro de 1905.
Em resposta da última comunicação de hoje informo-lhes de concordar com as propostas mencionadas nas condições seguintes:
1º – Pagamento dos salários até 31 de janeiro em 18 do corrente (sábado).
2º O Pagamento do mês de fevereiro será feito em 5 de março.
3º – Desta data em diante pagamentos quinzenais.
p.p. Adolpho Uhle
A. Otto Uhle."

Mas, antes que os operários pudessem gozar as garantias estipuladas na carta acima, tiveram que pagar a ousadia da exigência: um compositor foi despedido por ter sido julgado, pelo Sr. Uhle, o promotor da greve.

Mal suportando, porém, está afronta, os operários pediram imediatamente a reintegração do companheiro e, não tendo sido atendidos, puseram-se novamente em greve.
A luta desta viz foi mais laboriosa, tratava-se da solidariedade dos companheiros para com o companheiro e do amor próprio do industrial que cedendo ao pedido dos operários, reconhecia a injustiça cometida.
O Sr. Uhle conheceu a firmeza de propósitos dos operários e, talvez para intimida-los, fez saber que responsabilizaria judicialmente a vitima de sua vingança, pelos prejuízos que greve lhe causasse.
Para isso, a imprensa foi informada de desordens, não havidas, nas imediações da oficina; forjaram-se imposições violentas aos três ou quatro operários que não faziam causa comum com os outros, e um advogado foi encarregado de iniciar o processo.
Os operários defendiam um companheir prejudicado por ter sido julgado defensor dos seus interesses, e não recuaram dianta da calúnia e das ameças, embora o nosso consócio, causa involuntária dessa greve, houvesse repetidamente aconselhado os companheiros de trabalho a desistirem do pedido feito ao sr. Uhle, porque não voltaria, absolutamente, a trabalhar naquela casa, cujo proprietário não simpatizava com ele.
Com documentos e testemunhas demonstraram cabalmente aos redatores dos diários e à autoridade policial a correção do seu procedimento e a justiça da causa por que lutavam.
A imprensa, julgando de que parte estava a razão, retificou as primeiras noticias e, é de supor que a autoridade policial e o próprio advogado, também, tenham modificado, favoravelmente aos grevistas, a opinião que haviam formado com as primeiras informações, porque o inquérito iniciado foi arquivado, sem, sequer, ter sido ouvida a parte interessada.
Após dois dias de recíprocas propostas e esclarecimentos chegou-se a um acordo, baseando-se os operários na seguinte declaração do Sr. Uhle:

"Em resposta da informação que me pedem comunico-lhes que o aludido Gaperino Vianello foi despedido por não me ser simpático o indivíduo e não precisar mais do seu auxilio.
São Paulo, 23 de fevereiro de 1905.
p.p. Adolpho Uhle
A. Otto Uhle."

Alguns operários fizeram serão na mesma noite do dia 23, e todos apresentaram-se ao trabalho na manhã seguinte, e tudo teria corrido como se nada tivesse havido se o Sr. Uhle não pedisse com muita insistência, aos operários, a assinatura para uma declaração em que se dizia que a greve fora promovida pelo empregado despedido e que eles tinham abandonado o trabalho por instigação dele.
Este pedido deu lugar a sentidos protestos dos operários que negaram-se peremptoriamente a assinara declaração que o Sr. Uhle não devia pedir depois do acordo realizado.
E o Sr. Uhle desistiu, a vista da atitude dos operários, do propósito que fizera.

Boletim Operário
http://boletimoperario.yolasite.com

Greve do Fanfulla

Da origem da greve do pessoal do Fanfulla, os nossos sócios e os colegas em geral têm conhecimento pelos diversos boletins publicados na ocasião, mas não será demais repetir que com a reforma do material, os compositores tinham sido grandemente prejudicados porque o tipo novo é muito mais estreito do que o velho.
Para se fazer uma idéia basta considerar que em 260 linhas que correspondiam a 7$000 cabiam 9.100 letras ou 4.680 qqs., e que o mesmo número de letras cabe em 233 linhas de tipo novo, ou 414 qqs.
Sendo o trabalho pago por qqs., e não por letras, era natural que pedissem um relativo aumento, se com o tipo novo, para fazer o mesmo número de linhas, deviam compor cerca de 1.100 letras mais do que compunham com o tipo velho.
Em todos os diários há o retranca (que deveria-se chamar fiel), a quem incumbe zelar pela conservação do material, desempaginar o jornal, repartir entre os compositores o tipo que diariamente devem distribuir, rubricar as datas e distribuir todos os títulos e linhas compostas em tipo diverso do que é usado para o texto.
Este fiel é indispensável em todas as oficinas de certa importância e de vantagem para os compositores que não perdem tempo na separação do respectivo tipo.
Ainda devido as reformas já havia algumas semanas que não se observava horário ou descanso algum; era trabalhar era trabalhar e mais trabalhar sem outra compensação que não fossem as continuas observações mais ou menos injustas do Sr. Rotellini.
Outra causa que não correspondia à importância da empresa era a facilidade com que eram admitidos aprendizes em prejuízo dos oficiais e da arte.
Por todas essas razões, no dia 27 de abril, enquanto a corporação estava trabalhando, foi apresentado ao Sr. Rotellini um memorial, em que pedia-se:

"1º – Elevação do preço de 1$500 a 1$800 o milheiro de quadrantis;
2º – Estabelecimento do lugar de "retranca";
3º – Contagem de todos os títulos;
4º – Estabelecimento do horário ordinário da 7 horas da noite às 2,30 da manhã;
5º – Desconso de um dia por semana;
6º – A não admissão de novos aprendizes."

Uma comissão estranha ao pessoal perorou perante o Sr. V. Rotellini a causa dos tipógrafos do Fanfula conseguindo a aceitação integral dos pedidos 2 e 4, até 6."
O 3º pedido foi aceito com pequena modificação e quanto ao 1º, o Sr. Rotellini declarou que não podia pagar mais de 1$600 por milheiro.
Ora, o preço era o ponto capital das aspirações do pessoal e pelas razões já explicadas os 1$800 réis correspondiam a pouco mais do que os 1$500 pagos pela composição em tipo velho e os operários que não entendiam pedir melhoramentos, mas apenas não serem prejudicados, fizeram um abatimento no preço pedido, reduzindo-o a 1$700; assim como aceitaram sem hesitações as condições postas pelo Sr. V. Rotellini e que vão inclusas no acordo que vai publicado em seguida.
O Sr. Rotellini mostrou-se inflexível aos pedidos dos compositores e estes, antes da hora em que habitualmente começavam o trabalho noturno, mandaram-no avisar de que não iriam trabalhar por menos de 1$700 o milheiro de quadrantins.
Em 1º de março realizou-se uma assembléia geral extraordinária e nela foi aprovada a greve, foi resolvido auxiliar pecuniariamente os grevistas mais necessitados, bem como a realização de um comício público para explicar as razões da greve e as práticas feitas para evitá-la e foi autorizado o Conselho a lançar uma sobretaxa de 1$000 por semana, para ajudar as despesas causadas pela greve.
Para evitar a vinda de "krumiros", conscientes ou inconscientes foi imediatamente telegrafado às sociedade gráficas do Rio de Janeiro e Buenos Aires, assem como escreveu-se a diversas associações e particulares de Santos e do interior.
Esta medida produziu o desejado efeito, porque enquanto não terminou-se a greve, somente dois compositores vieram a esta capital, vindos de Santos, os quais encontrados oportunamente por um nosso consócio, foram acompanhados à nossa sede, onde foram informados da greve e convidados a voltar para Santos ao que atenderam de bom grado, prontificando-nos a fazer a despesa pela sua estada naquela noite e pela passagem de volta.
Pela intervenção de amigos deixou de vir de Campinas um compositor que apareceu nesta capital somente depois de terminada a greve.
Enquanto a comunicação da greve produzia seus efeitos no interior, em Santos, no Rio, e talvez, em Buenos Aires, aqui desenvolvi-ase a maior atividade para evitar que alguns insconsciente fosse substituir os grevistas e para permitir os que chegavam a trabalhar a abandonar o lugar.
E, não foi vão todo o esforço: basta considerar que havendo cerca de 30 compositores desempregados e muitos mal empregados, o Sr. Rotellini não encontrou senão 7 ou 8 inconscientes que o ajudaram a prolongar o prejuízo que a greve lhe causava.
Com um resultado acima de toda a espectativa, com um concurso de cerca de 700 pessoas, no dia 3, à tarde, realizou-se o comício público, em que se demonstraram as razões dos grevistas e as práticas feitas para evitar a greve.

facebook

CEPS-AIT NO GOOGLE PLUS

the Google+project

Vê que aqueles que devem à pobreza amor divino, e ao povo caridade, amam somente mandos e riqueza, simulando justiça e integridade; da feia tirania e de aspereza fazem direito a vã serenidade; leis em favor do Rei se estabelecem, as em favor do povo só perecem. ***CAMÕES. Os Lusíadas, Canto IX.***

O Graphico

NO COMBATE

A classe graphica desperta para a lucta. — O que foram as tres memoraveis assembléas na séde da Associação, às quaes compareceram centenares de graphicos e não meia duzia de vagabundos e desordeiros segundo informaram a policia. — Augmenta a força da nossa Associação com a entrada de centenares de adherentes. — A solidariedade é um facto. — Viva a Associação Graphica!

Além de um membro do Conselho, que presidiu o comício, usaram da palavra os consócios R. De Barros, chegando naquela hora de Santos onde tinha acompanhado os dois colegas de que falamos e que trazia a expressão de solidariedade da classe gráfica daquela cidade; F. Nitsch, reivindicando os direitos dos operários, geralmente menosprezados e felicitando a nossa União pelo desenvolvimento que ia rapidamente tomando; R. Ortolani, censurando a atitude que o Sr. Rotellini tinha assumido desde certo tempo para com seus operários e revelando a incoerência do Fanfulla, que não perdia ocasião para declarar-se amigos dos operários e patrocinador de suas causas e lembrando que no caso de não se chegar a um acordo satisfatório para ambas as partes, podia-se resolver o incidente por meio de uma comissão arbitral.
Foram lidas as declarações de solidariedade das Ligas de Resistência dos Chapeleiros, Trabalhadores em Madeira e Pedreiros.
Deu-se a declaração do Sr. Pedro Stocco, em que dizia, depois de ter demonstrado em nossa sede social a veracidade de suas asserções, que não tinha ajustado pessoa alguma para trabalhar no Fanfulla, durante a greve; sendo plenamente anulada a qualificação de Krumiro que se lhe havia dado em nossas anteriores publicações.
Retificou-se também o procedimento do Colega Niero Nieri, que tendo ido trabalhar no Fanfulla, abandonou-o por instância nossa.
Falaram ainda os Sr. V. Diego, nosso bom colega afastado da arte por ter nela sensivelmente estragado a vista, criticando a exploração que o capital exerce sobre o trabalho produtor do mesmo cpital e única verdadeira fonte de riqueza, revelando que quem menos trabalha mais goza e convidando os trabalhadores a unirem-se para conquistarem o sem bem-estar econômico com a participação direta ao produto do trabalho.
Cerchiai, convidando os operários a boicotarem o Fanfulla caso não atendesse àr razões dos seus operários; e finalmente o Dr. A. Piccarolo, diretor do Avanti, o qual revelando o silêncio de toda a imprensa local nesta greve, disse que fazia ali o papel do "krumiro" negando a sua solidariedade a um jornal, mas que assim procedendo, correspondia ao ideal de humanidade e de justiça de que sentia-se e pelo qual combatia ao lado dos trabalhadores.
Os oradores foram todos aplaudidos pelo numeroso auditório, e o comício dissolveu-se na melhor ordem.
Note-se que, antes de realizar o comício que certamente não revertia em boa propaganda para o Fanfulla, pediu-se a intervenção de dois jornalistas amigos do Sr. Rotellini, e simpatizantes com a causa dos operários, a fim de verem se conseguiam resolver a diferençae e atenuar o resultado do comício.
O Senhores Luiz Carneiro e Joaquim Morse, entretanto, não foram bem sucedidos em suas práticas; com eles, como com os representantes da União, o Senhor Rotellini não modificou sua resolução pelo contrário, propunha-se escolher do pessoal os compositores que quisesse, deixando os outros sem trabalho.
A luta continuava com a mesma energia, de parte a parte. O Sr. Rotellini a angariar "krumiros" e os gráficos a nobilitar operários, porque todos os dias conseguia-se arrancar do lugar de traição algum trabalhador; quando o nosso consócio Cezar Landini e o colega Balvetti perorando espontaneamente a causa dos grevistas conseguiram obter o pagamento de 1$700 por milheiro de quadrantins de qualquer corpo para o trabalho noturno; 1$500 para o tipo corpo 7 e 1$400 para os corpos 8 e 10, de dia.
Eram ainda excluídos, porém, 8 empregados: os 4 oficiais admitidos por último e os 4 aprendizes.
A proposta foi julgada objeto de discussão e a assembléia geral convocada urgentemente no dia 6, aprovou as condições econômicas e aceitando uma proposta do consócio emílio Munhoz, nomeou uma comissão para reatar as relações com o Senhor Rotellini e tratar de conseguir a readmissão de todo o pessoal e a dispensa de todos os "krumiros".
Conseguindo-se, porém, somente a readmissão de todos os oficiais e a promessa de que os "krumiros" seriam mantidos completamente separados do resto do pessoal que trabalharia de noite, enquano aqueles trabalhariam todos de dia.

Finalmente outra assembléia geral convocada urgentemente para o dia 7, aceitou por maioria absoluta as novas condições, deliberando que os aprendizes fossem subsidiados com uma diária equivalente ao ordenado que ganhavam, enquanto não encontrassem conveniente ocupação.
No dia 8 de manhã foi estipulado o seguinte pacto recíproco, e às 2 horas da tarde todos os operários voltaram aos respectivos lugares:

"Os abaixo assinados – o primeiro diretor-proprietário do Fanfulla e o segundo primeiro secretário da "União dos Trabalhadores Gráficos" – depois de repetidas conferência e recíprocos esclarecimentos, no intuíto de por termo a divergência surta em vinte e sete do mês de fevereiro último, entre a corporação tipográfica e citado diretor proprietário do Fanfulla.
Concordam nas seguintes condições, que deverão ser lealmente observadas por ambas as partes:

Trabalho noturno – 1$700 réis o milheiro de quadrantins, os pitos de corpo 7, 8 e 10;
Contagem simples de todos os títulos, inclusos os que permanecem compostos, bem como os fios e bigodes incluídos nos paquês, a exceção do sque não forem utilizados na paginação, por ordem do respectivo encarregado.
Os colocados pelo paginador não serão contados.
Horário médio de 7,30 horas, para composição.
Trabalho diurno – 1$400 réis o milheiro de quadrantins os tipos de corpo 8 e 10;
1$500 réis o milheiro de quadrantins o tipo de corpo 7;
Contagem dobrada de todos os títulos, inclusos os que permanecem compostos;
Continuará em vigor o horário que existia antes da divergência.
Descanço de um dia por semana a todos os compositores.
Instituição do retranca para desempaginação do jornal, distribuição de todos os títulos, e mais atribuições inerentes ao cargo.
Não deverão ser admitidos outros aprendizes, além dos já existentes, que poderão ser substituídos.
Poderão ser despedidos os compositores, que sem motivos justificados não se apresentarem ao trabalho.
Em caso de necessidade de pessoal, serão preferidos os sócios da União dos Trabalhadores Gráficos.

São Paulo, 8 de março de 1905.

V. Rotellini
A. Chiodi."

Terminando não nos podemos eximir de agradecer sinceramente a todas as pessoas que durante a greve prestaram desinteressadamente em favor da nossa causa, assim como indicamos ao desprezo dos trabalhadores em geral e particularmente dos nossos colegas, os "krumiros", mais ou menos inconscientes, que com seu procedimento egoísta embaraçaram nossa ação tanto na greve da "Tipografia Adolpho" como na do Fanfulla.

O Trabalhador Gráfico
São Paulo, abril de 1905.

Trabalhadores da Europa, não venham para o Brasil

Pede-se aos jornais anarquistas do mundo todo que reproduzam o seguinte apelo:
Que os trabalhadores dos centros industriais e agrícolas fiquem de guarda contra os vis engodos de jornalistas e agentes de emigração, interessados em lhes pintar o Brasil com as mais deslumbrantes cores a fim de induzi-los a emigrar.
Estejam atentos, agora e sempre, se não querem ser vitimas das maiores mistificações e logros.
Não é verdade que aqui há trabalho para todos.
Não é verdade que aqui o operário é bem remunerado.
Não é verdade que aqui são dadas garantias aos estrangeiros.
Não é verdade que aqui o operário pode fazer fortuna.
Tudo isto são verdadeiras mentiras inventadas por jornalistas e agentes de emigração regiamente pagos pelo governo e grandes proprietários do Brasil, com o único fim de fazer chegar até aqui uma superabundância de trabalhadores braçais, de modo a poder negociá-los ao mais baixo preço possível.
Estejam atentos, portanto, os trabalhadores da Europa, especialmente os das nações latinas que, iludidos, enganados, abandonam impensadamente o pais de origem para se jogarem em torrentes nas praias desta infernal república onde, uma vez chegados – sem trabalho, sem pão e sem ajuda – se encontram à mercê dos consulados que não se interessam absolutamente nada por sua desgraçada situação.
No Brasil – já avisamos muitas vezes – só há condições de vida para os trapaceiros e ladrões profissionais.
No Brasil só há trabalho para os que se submetem a ser bestas de carga por um salário irrisório.
No Brasil os patrões obrigam a trabalhar e não pagam.
No Brasil a vida custa os olhos da cara.
No Brasil não existe nenhuma garantia para o operário e muito menos para o estrangeiro.
No Brasil, o governo é composto de um bando, de piratas e ladrões.
No Brasil a vida e a liberdade dos cidadãos estão à mercê de uma Polícia feroz, selvagem, que rouba, violenta, mata impunemente, movida apenas pelo instinto de mando e pelo hábito de roubalheira.
No Brasil, onde a industria não existe, o elemento trabalhador não encontra ocupação a não ser nas fazendas (grandes feudos) onde os colonos, bestialmente tratados, estão condenados a levar uma vida de padecimentos e atribulações.

No Brasil – repita em voz alta, publiquem nos cabeçalhos de todos os jornais – há mais gente que morre de fome do que se possa imaginar, há misérias que o velho mundo ignora totalmente; aqui se cometem infâmias e atrocidades inauditas, de se arrepiarem os cabelos.
Cuidado, trabalhadores da Europa: não se deixem enganar pelos rufiões.

La Battaglia, S. Paulo, 11 de setembro de 1904.